

cidadãos que, em conjunto com os representantes das Artes, examinassem se alguma coisa deveria ser reformada para a tranquilidade comum e o relatasse à Senhoraia.

12.

Enquanto tais coisas ocorriam, surgiu outro tumulto¹⁴, que prejudicou a república muito mais que o primeiro. A maior parte dos incêndios e dos roubos ocorridos nos dias recentes havia sido cometida pela ínfima plebe da cidade; e aqueles que se tinham mostrado mais audazes temiam ser punidos, depois de apaziguadas e ajustadas as maiores desavenças, e, como sempre acontece, ser abandonados por aqueles que os haviam instigado às malfeitorias. A isso se somava o ódio que o povo miúdo nutria pelos cidadãos ricos e pelos príncipes das Artes, por não lhes parecer que eram pagos por seu trabalho conforme acreditavam merecer por justiça. Porque quando a cidade foi dividida em Artes¹⁵, no tempo de Carlos I, deu-se um chefe e um governo a cada uma delas, dispendo-se que os súditos de cada Arte deveriam ser julgados por seu chefe nas coisas civis. Tais Artes, como já dissemos, eram doze no princípio; depois, com o tempo, foram somadas tantas que chegaram a ser vinte e uma;

14. É conhecido pelo nome de *Tumulto dos Ciompi* um movimento popular que se insere em um quadro de revoltas que ocorreram em toda a Europa e que têm antecedentes no século anterior, vinculadas a diversos fatores sociais e econômicos. A parte mais importante do programa de petições dos Ciompi era a reivindicação de direitos políticos e a concessão aos operários assalariados de um quarto de todos os postos no governo, com amplos poderes. [N. da R. T.]

15. Ver livro II, 8. [N. da R. T.]

e atingiram tal poder que em poucos anos tomaram todo o governo da cidade. E como, entre elas, havia as mais e as menos honradas, foram elas divididas em maiores e menores: sete foram chamadas maiores e catorze, menores. Dessa divisão e das outras razões que narramos acima, nasceu a arrogância dos capitães de partido; porque os cidadãos que outrora tinham sido guelfos, em cujas mãos o governo sempre ficara, favoreceram o povo das Artes Maiores e perseguiram o das Artes Menores e seus defensores; essa foi a razão de tantos tumultos contra eles, conforme narramos. Mas como, ao ordenar as corporações das Artes, muitos dos ofícios nos quais labutavam o povo miúdo e a ínfima plebe ficaram sem corporações próprias, seus membros precisaram submeter-se a outras Artes, de acordo com as qualidades dos ofícios, e daí provinha que, quando não ficavam satisfeitos com o pagamento por sua labuta, ou eram de algum modo oprimidos por seus patrões, não tinham a quem recorrer senão ao magistrado daquela Arte que os governava; por isso lhes parecia que não era feita a justiça que consideravam necessária. E, de todas as Artes, a que tinha e tem mais desses subalternos [*sottoposti*] era e é a da lâ, que, por ser poderosíssima e ter mais autoridade que todas, nutria e nutre com sua indústria a maior parte da plebe e do povo miúdo.

13.

Os plebeus – subalternos tanto à Arte da Lã quanto às outras Artes –, pelas razões descritas, estavam cheios de indignação, somando-se a isso o medo dos efeitos

dos incêndios e dos roubos que haviam praticado; assim, reuniram-se várias vezes à noite, para discutirem os casos ocorridos e mostrarem um ao outro os perigos em que se encontravam. Foi quando algum dos mais auidazes e de maior experiência, para dar ânimo aos outros, falou deste modo: "Se tivéssemos de decidir agora se deveríamos pegar as armas, queimar e roubar as casas dos cidadãos, despojar as igrejas, eu seria um daqueles que acharia que é preciso pensar bem, e aprovaria, talvez, a decisão de preferir a pobreza tranqüila ao ganho perigoso; mas, como já empunhamos armas e muitos males foram feitos, parece-me melhor discutir como não depor as armas e como nos garantir dos males cometidos. Estou certo de que, mesmo que nada mais nos ensinasse, a necessidade nos ensinaria. Estais vendo toda esta cidade cheia de queixas e de ódio contra nós: os cidadãos se reúnem, a Senhoria está sempre com os magistrados; acreditai que estão armando armadilhas para nós e preparando novas forças contra as nossas pessoas. Precisamos, portanto, buscar duas coisas e, nas nossas deliberações, ter duas finalidades: uma é não sermos castigados pelas coisas que fizemos nos últimos dias; a outra é viver com mais liberdade e mais satisfação do que no passado. Por isso, na minha opinião, para sermos perdoados dos erros antigos, precisamos cometer erros novos, duplicando os males, e multiplicando os incêndios e os roubos, e procurando ter nisso muitos companheiros, porque, quando muitos erram, ninguém é castigado, e, se os crimes peduenos são punidos, os grandes e graves são premiados; e, quando muitos sofrem, poucos procuram vingar-se, porque as injúrias universais são suportadas com mais paciência que as particulares. A multiplicação dos males,

portanto, nos dará mais facilmente o perdão e nos abrirá o caminho para obtermos as coisas que desejamos obter com a nossa liberdade. E acho que nossa conquista é certa, porque aqueles que poderiam deter-nos estão desunidos e ricos: a desunião deles, portanto, nos dará a vitória, e suas riquezas, quando forem nossas, a manterão. Não deve assustar-vos a antiguidade do sangue que eles nos jogam ao rosto; porque todos os homens tiveram o mesmo princípio e são, por isso, igualmente antigos, e foram feitos de um mesmo modo pela natureza. Fique-mos todos nus, e vereis que somos semelhantes; e se nos vestirmos com as vestes deles, e eles com as nossas, vereis que, sem dúvida, nós pareceremos nobres, e eles, não nobres *ignobilis*; porque somente a pobreza e a riqueza nos desigalam. Dói-me perceber que muitos de vós vos arrependeis das coisas feitas e quereis vos absolver das novas; e, se assim for, não sois os homens que eu achava que éreis; porque nem a consciência nem a infâmia vos deve amedrontar; pois aqueles que vencem o fazem de qualquer modo, e disso nunca trazem vergonha. E da consciência não devemos fazer conta; porque quem, como nós, tem medo da fome e do cárcere não pode nem deve ter medo do inferno. Mas se notardes o modo como os homens procedem, vereis que todos aqueles que conseguem grandes riquezas e grande poder os conseguiram com a fraude ou com a força; e, depois que tomaram tais coisas com engano ou violência, para desfazerem a fealdade da conquista, conestam-na sob o falso nome de ganho. E aqueles que, por pouca prudência ou excessiva tolice, evitam tais métodos, sempre aprofundam na servidão e na pobreza; porque os servos fiéis sempre são servos, e os homens bons sempre são pobres; só se

livram da servidão os infieis e audazes, e, da pobreza, só os rapaces e fraudulentos. Porque Deus e a natureza puniram todas as riquezas [*fortune*] dos homens no meio deles; mas estão elas mais expostas à rapina que à indigênia, mais às más que às boas artes: donde provém que os homens se devoram uns aos outros, e sempre se sai mal quem menos pode. Por isso, é preciso usar a força quando é dada a ocasião. E ocasião melhor não poderia ser oferecida pela fortuna, pois os cidadãos ainda estão desunidos, a Senhoria ainda está incerta, e os magistrados, assombrados: de tal modo que podem ser facilmente vencidos antes que se unam e se tornem mais seguros; assim, ou nos tomaremos os únicos príncipes da cidade, ou passaremos a representar parte tão importante dela que não só nos perdoarão os erros passados, como teremos autoridade para ameaçá-los com novas injúrias. Confesso que essa decisão é audaz e perigosa, mas, quando se é premedido pela necessidade, a audácia é considerada prudentia, e os homens corajosos nunca levam em conta o perigo diante do grandioso, porque as empresas iniciadas com perigo sempre terminam com prêmio, e de um perigo nunca se sai sem perigo: por isso, vendo que prepararam prisões, torturas e mortes, acredito que se deve temer mais a inação do que a ação para nos defendermos, porque na primeira os males são certos, e na segunda, duvidosos. Quantas vezes ouvi vossas queixas da ganância de vossos superiores e da injustiça de vossos magistrados! Está na hora de não só vos libertardes deles, como também de vos tornardes tão superiores a eles que eles tenham mais queixas e temores de vós do que vós deles. A oportunidade que essa ocasião nos trouxe voa, e, depois que escapar, será em vão que procuraremos reto-

má-la. Estais vendo os preparativos de vossos adversários: ocupemos seus pensamentos com outras coisas; e quem primeiro voltar a empunhar armas sem dúvida será vencedor, para ruína do inimigo e exaltação própria: o que trará honra para muitos de nós e segurança para todos." Essas persuasões acenderam ainda mais os já inflamados ânimos para o mal e, assim, deliberaram empunhar armas depois que tivessem mais companheiros a seguirem sua vontade; e, com um juramento, obrigaram-se a socorrer-se no caso de algum deles cair nas mãos dos magistrados.

14.

Enquanto se preparavam para ocupar a república, a notícia de seus planos chegou aos Senhores, e foi preso certo Simone dalla Piazza, por quem tomaram conhecimento de toda a conjuração e souberam que no dia seguinte romperia a revolta. Percebendo o perigo, reuniram o Colégio e os cidadãos que, em conjunto com os representantes das Artes, tentavam a união da cidade (e, antes que todos se reunissem, caiu a noite); os Senhores foram por eles aconselhados a chamar os cônsules das Artes, e todos estes deliberaram convocar todos os homens armados de Florença e fizeram com que os gonfaloneiros do povo fossem para a Praça pela manhã, com suas Companhias armadas. Quem acertava o relógio do Palácio, no momento em que Simone estava sendo torturado e os cidadãos se reuniam, era certo Niccolò da San Friano; esse, percebendo o que acontecia, voltou para casa e causou grande tumulto em toda a vizinhança, de modo que, em pouco tempo, reuniram-se na praça

de Santo Spirito mais que mil homens armados. Esse alvoroço chegou aos ouvidos dos outros conjurados, e San Piero Maggioro e San Lorenzo, lugares por eles marcados, encheram-se também de homens armados. Já chegou o dia, que era 21 de julho, e em favor dos Senhores não havia mais de oitenta homens armados na Praça; dos gonfaloneiros, não apareceu nenhum, porque, sabendo que toda a cidade estava armada, temiam abandonar suas casas. Os primeiros da plebe que chegaram à Praça foram aqueles que se haviam reunido em San Piero Maggioro; quando apareceram, os homens da Senhoria não se moveram. Depois deles, chegou outra multidão e, não encontrando resistência, com terríveis brados, todos pediam seus prisioneiros à Senhoria; e, para obtê-los pela força, visto que não os haviam obtido com ameaças, atearam fogo à casa de Luigi Guicciardini; de modo que os Senhores, temendo o pior, os entregaram. Depois de os receberem, tiraram o gonfalão da justiça do executor e, com ele à frente, saíram a queimar as casas de muitos cidadãos, perseguindo aqueles que, por razões públicas ou privadas, eram odiados. E muitos cidadãos, para vingarem ofensas privadas, os conduziram às casas de seus inimigos, porque para tanto bastava que uma voz se erguesse, no meio da multidão, gritando "à casa de Fulano!", ou que o portador do gonfalão para alguma casa se dirigisse. Também queimaram todos os documentos da Arte da Lã. Depois de muitas malfetorias, para que estes fossem acompanhados por alguma obra louvável, nomearam cavaleiros Salvestro de' Medici e muitos outros cidadãos, cujo número chegou a sessenta e quatro; entre eles, Benedetto e Antonio degli Alberti, Tommaso Strozzi e outros amigos destes, apesar de terem nomeado muitos à

força. Nesse acontecimento, o mais notável é que muitos tiveram suas casas queimadas e pouco depois, no mesmo dia, foram feitos cavaleiros por aqueles mesmos que haviam queimado (tanta era a proximidade entre benefício e injúria); foi o que aconteceu a Luigi Guicciardini, gonfaloneiro de justiça. Os Senhores, em meio a tantos tumultos, vendo-se abandonados pela guarda, pelos chefes das Artes e por seus gonfaloneiros, sentiam-se perdidos; porque nenhum deles, segundo o ordenado, lhes havia dado socorro, e dos dezesseis gonfalões comparceram apenas a insígnia do Leão de Ouro¹⁶ e a do Veiro¹⁷, comandadas por Giovenco della Stufa e Giovanni Cambi; e pouco tempo ficaram na Praça, porque, vendo que os outros não os seguiam, também se foram. Alguns dos outros cidadãos, vendo o furor da multidão desenfreada e o Palácio abandonado, ficaram em suas casas, enquanto outros seguiam a turba dos armados, pois, fazendo parte dela, melhor poderiam defender suas casas e as dos amigos: e, assim, sua força crescia enquanto a dos Senhores decrescia. O tumulto durou todo o dia, e, ao cair da noite, a multidão deteve-se no palácio de *messer* Stefano, atrás da igreja de San Barnaba. Havia já mais de seis mil pessoas, que, antes de nascer o dia, com ameaças, obrigaram as Artes a mandar suas insígnias. Depois, pela manhã, dirigiram-se ao palácio do podestade levando à frente o gonfalão da justiça e as insígnias das Artes; e, como o podestade se recusasse a entregar-lhes a posse do palácio, combateram contra ele e o venceram.

16. Insígnia do *Sesto di Porta Duomo*: campo azul com um leão de ouro. [N. da T.]

17. *Vairo*, insígnia dos peleteiros: veiro prateado e azul, com um cordeiro branco. [N. da T.]

15.

Os Senhores, para tentarem algum acórdo com eles, visto que pela força não encontravam modo de freá-los, chamaram quatro homens de seu Colégio e os mandaram ao palácio do podestade, para saberem de suas intenções. Estes souberam que os chefes da plebe, com os representantes das Artes e alguns cidadãos, já haviam decidido o que pediriam à Senhoria. De modo que voltaram à Senhoria com quatro delegados da plebe e com os seguintes pedidos: que a Arte da Lã não tivesse juiz estrangeiro; que fossem criadas três novas corporações de ofícios, uma para os cardadores e tintureiros, outra para os barbeiros, coleiteiros, alfaiates e semelhantes ofícios braçais, e a terceira para o povo miúdo; e que, para essas três novas Artes, sempre houvesse dois Senhores, e, para as catorze Artes Menores, houvesse três; que a Senhoria oferecesse casas onde essas novas Artes pudessem reunir-se; que ninguém que estivesse subordinado a tais Artes, nos dois anos seguintes, pudesse ser obrigado a pagar dívidas inferiores a cinquenta ducados; que a casa de pryncipales¹⁸ não cobrasse juros, mas só se pagasse o principal; que os confinados e condenados fossem absolvidos; que os advertidos fossem reintegrados em seus cargos. Além dessas, pediram muitas outras coisas em benefício dos seus fautores particulares e, inversamente, queriam que muitos de seus inimigos fossem confinados e advertidos. Tais pedidos, ainda que desonrosos e onerosos para a república, foram logo acatados pelos Senhores, pelos Colégios e pelo Conselho do povo, que temiam o pior.

18. *Il Monte* (cf. CAPATA, *op. cit.*, p. 543).

Mas, para que tudo fosse ultimado, ainda era necessária a aprovação do Conselho da comuna; e, como não era possível reunir dois Conselhos num só dia, foi preciso deixar para o outro. Contudo, parecia que as Artes estavam contentes, e a plebe, satisfeita; e os revoltosos prometeram que, ultimada a lei, os tumultos cessariam. Na manhã seguinte, enquanto o Conselho da comuna deliberava, a multidão, impaciente e volúvel, sob as costureiras insígnias veio à Praça, com brados tão fortes e sustentadores que todo o Conselho e os Senhores se espantaram. Por esse motivo, Guerriante Marignolli, um dos Senhores, movido mais por medo do que por qualquer outra paixão privada, desceu pretextando vigiar a porta, mas, na verdade, fugiu para casa. Porém, ao sair, não conseguiu passar sem ser reconhecido pela turba: não sofreu nenhum ataque, mas a multidão, ao vê-lo, começou a exigir aos gritos que todos os Senhores abandonassem o Palácio e que, se não o fizessem, seriam mortos seus filhos, e suas casas seriam queimadas. Entremetidas, a lei já estava pronta, e os Senhores se haviam recolhido aos seus gabinetes; e o Conselho, descendo, mas sem sair, ficava pelas *loggie* e pelos pátios, sem esperanças de salvar a cidade diante de tanta desonestidade da multidão e de tanta maldade ou medo daqueles que poderiam tê-la refreado ou reprimido. Os Senhores ainda estavam confundidos e incertos quanto à salvação da pátria, pois se viam abandonados por um dos seus e sem que nenhum cidadão lhes acudisse, se não com socorro, pelo menos com conselhos. Enquanto assim incertos estavam sobre o que podiam ou deviam fazer, *messer Tommaso Strozzi* e *messer Benedetto Alberti*, movidos pela ambição e desejando continuar senhores do Palácio, ou então por acharem

que era a melhor saída, convenceram-nos a ceder à investida popular e voltar como cidadãos privados às suas casas. Esse conselho, por ter sido dado por aqueles que tinham comandado o tumulto, deixou de ser acatado por Alamanno Acciaiuoli e Niccolò del Bene, dois dos Senhores, ainda que os outros cedessem; e eles, ganhando um pouco de vigor, disseram que, se os outros quisessem ir-se, não podiam remediar isso, mas que eles não queriam abandonar sua autoridade antes do tempo devido, se é que, com seus cargos, não perderiam também a vida. Tais discordâncias redobram o medo dos Senhores e a indignação do povo; até que o gonfaloneiro, preferindo terminar seu mandato com vergonha a terminá-lo com perigo, recomendou-se a *messer Tommaso Strozzi*, que o tirou do Palácio e o levou para casa. Os outros Senhores partiram de modo semelhante, um após o outro; e, assim, Alamanno e Niccolò, para não serem considerados mais audazes que sábios, vendo que haviam ficado sozinhos, também se foram; e o Palácio ficou nas mãos da plebe e dos Oito da guerra, que ainda não haviam terminado a sua magistratura.

16.

Quando a plebe entrou no Palácio, levava a insígnia do gonfaloneiro de justiça certo Michele di Lando, carador de lã. Este, descalço e com pouca roupa, subiu ao salão seguido por toda a turba e, chegando à sala de audiências dos Senhores, parou e, voltando-se para a multidão, perguntou: "Estais vendo: este Palácio é vosso, e esta cidade está nas vossas mãos. Que achais melhor fazer

agora?" A isso todos responderam que o queriam como gonfaloneiro e senhor, para governar a cidade como bem lhe parecesse. Michele aceitou a Senhoria; e, como era homem sagaz e prudente, cujos dotes devia mais à natureza que à fortuna, decidiu apaziguar a cidade e pôr fim aos tumultos. E, para manter o povo ocupado e ter tempo de ordenar-se, mandou procurar certo *ser*¹⁹ Nuto, que fora nomeado aguazil por *messer Lapo da Castiglionchio*: a tal encargo acudiu a maior parte dos que ali estavam. E, para começar com justiça aquele governo que pelo favor conquistara, mandou apregoar que ninguém devia queimar ou roubar coisa alguma; e, para impor temor a todos, ergueu uma força na Praça. E, para dar início à reforma da cidade, substituiu os representantes das Artes e nomeou outros, privou do mandato os Senhores e o Colégio; queimou as bolsas do escrutínio do último governo. Enquanto isso, *ser Nuto* foi levado à Praça pela multidão e pendurado à força por um pé; e, como todos aqueles que o rodeavam lhe tiravam um pedaço, em breve só ficou dele o pé. Os Oito da guerra, por outro lado, acreditando que, com a partida dos Senhores, tinham se tornado príncipes da cidade, já haviam indicado os novos Senhores; Michele, pressentindo isso, mandou dizer-lhes que saíssem logo do Palácio, pois queria mostrar a todos que sabia governar Florença sem seus conselhos. Depois convocou uma reunião dos representantes das Artes e nomeou a Senhoria: quatro da plebe miúda, dois para as Artes Maiores e dois para as Artes Menores. Além disso, fez novo escrutínio e dividiu o estado em três partes: uma das Artes Novas, outra das Artes Menores, a terceira das Artes Maiores.

.....
19. *Senhor*. [N. da R. T.]

Deu a *messer* Salvestro de' Medici os rendimentos das lojas de Ponte Vecchio, a si mesmo o cargo de *podestate* de Empoli e deu muitas vantagens a vários outros cidadãos amigos da plebe, não tanto para recompensá-los por seus trabalhos, quanto para que a qualquer momento o defendessem da inveja.

17.

Os plebeus acharam que, na reforma do estado, Michele tinha favorecido demais os populares maiores e que eles próprios não tinham no governo tanta participação quanto era necessário para nele se manter e poder defender-se; tanto que, impelidos pela costumeira audácia, empunharam armas novamente e, em tumulto, foram para a Praça com suas insígnias, pedindo que os Senhores se apresentassem na *ringhiera* para deliberarem novas coisas a respeito da segurança e do bem deles. Michele, vendo aquela arrogância, não querendo torná-los mais indignados, sem ouvir o que queriam, censurou o modo como faziam suas reivindicações e exortou-os a depor as armas, pois assim lhes seria concedido aquilo que pela força não podia ser concedido com dignidade pela Senhoria. Ouvindo isso, a multidão, indignada com o Palácio, reuniu-se em Santa Maria Novella, onde ordenou em seu próprio meio oito chefes, com ministros e outras ordenações, que lhes conferiram reputação e respeito: de tal modo que a cidade tinha duas sedes e era governada por dois diversos príncipes. Tais governantes deliberaram entre si que, no Palácio, com os Senhores, deveria haver sempre oito, eleitos pelas corporações das suas Artes, e que tudo o que fosse deliberado pela Senhoria devia ser por eles confir-

mado; destituíram *messer* Salvestro de' Medici e Michele di Lando de tudo aquilo que lhes fora concedido nas outras deliberações e destinaram cargos e subvenções a muitos de seu governo, para que estes pudessem desempenhar suas tarefas com dignidade. Firmadas tais deliberações, para torná-las válidas, mandaram dois dos seus à Senhoria, pedindo que elas fossem confirmadas pelos Conselhos, com o propósito de obtê-las pela força, caso não as obtivessem por acordo. Estes expuseram sua missão com grande audácia e maior presunção, repreendendo o gonfaloneiro pela ingratidão e pouca consideração com que os havia tratado, diante da dignidade e da honra que eles lhe haviam dado. E como no fim às palavras sucederam ameaças, Michele não conseguiu suportar tanta arrogância e, lembrando-se mais do cargo que ocupava que da sua condição ínfima, achou que deveria frear com modo extraordinário uma extraordinária insolência; e, puxando a arma que trazia cingida, primeiro os feriu gravemente e depois ordenou que fossem amarrados e presos. Sabendo disso, a multidão irou-se e, acreditando conseguir armada o que não havia obtido desarmada, com tumulto e furor saiu de armas em punho para forçar os Senhores. Michele, por outro lado, desconfiando de que aquilo ocorreria, decidiu prevenir, achando que é mais glorioso atacar do que esperar o inimigo entre quatro paredes e precisar, como os seus antecessores, fugir do Palácio desonrado e envergonhado. Reunido, portanto, grande número de cidadãos, que já estavam começando a arrender-se de seu erro, montou a cavalo e, seguido por muitos homens armados, foi a Santa Maria Novella para lutar com os outros. A plebe, que, como dissemos acima, tomara a mesma decisão, quase na mesma hora em que Michele saía, também partia em direção à Praça, e quis o acaso que cada

uma das partes tomasse caminhos diferentes, de tal modo que não se encontraram. Assim, Michele, ao voltar, viu que a Praça tinha sido tomada e que se combatia no Palácio; entrou em combate com eles e venceu-os, expulsando uma parte deles da cidade e obrigando a outra a depor as armas e esconder-se. Vencida a empresa, acalmaram-se os tumultos, apenas graças à *virtù* do gonfaloneiro. Este, em ânimo, prudência e bondade, superou naquele tempo qualquer outro cidadão, merecendo ser contado entre os poucos que beneficiaram sua pátria: porque, se nele houvesse intenções malignas ou ambiciosas, a república teria perdido a liberdade, sofrendo tirania maior do que a do duque de Atenas; mas sua bondade nunca lhe consentiu pensamento contrário ao bem de todos [*universale*], e sua prudência lhe permitiu conduzir as coisas de tal modo que dobrou muitos dos seus seguidores e dominou os outros com o poder das armas. Tais coisas asombrouam a plebe e levaram os melhores artifices a emendar-se e a pensar na humilhação daqueles que, depois de terem domado a soberba dos Grandes, precisaram agüentar o fedor da plebe.

18.

Quando Michele obteve vitória sobre a plebe, já havia sido feito o escrutínio da nova Senhoria; nela havia dois de condição tão humilde e desprezível que cresceu o desejo dos homens de livrar-se de tanta infâmia. Assim, no primeiro dia de setembro, quando os Senhores novos assumiam seus mandatos, a Praça estava cheia de homens armados, e, assim que a antiga Senhoria saiu do Palácio, elevou-se um tumulto entre os homens armados, que, em

uníssono, diziam não querer ninguém do povo miúdo entre os Senhores; de tal modo que a Senhoria, para satisfazê-los, privou do mandato os dois que havia, um dos quais se chamava Tria, e o outro, Baroccio; em lugar deles foram eleitos *messer* Giorgio Scali e Francesco di Michele. Também anularam a Arte do povo miúdo e privaram do direito de ocupar cargos aqueles que a elas se subordinavam, exceto Michele di Lando, Lorenzo di Puccio e alguns outros de melhor qualidade; dividiram os cargos honrosos em duas partes, consignando uma às Artes Maiores e outra às Artes Menores, mas entre os Senhores sempre deveria haver cinco artifices menores e quatro maiores, pertencendo o gonfaloneiro ora a uma das Artes, ora à outra. Esse estado, assim ordenado, trouxe tranquilidade à cidade, e, embora a república tivesse sido tirada das mãos da plebe miúda, os artifices de menor qualidade ficaram mais poderosos que os populares nobres; e estes tiveram de ceder porque, para privar o povo miúdo dos favores das Artes, precisavam favorecê-las. Tal situação foi ainda mais favorecida pelos que desejavam manter fora do poder aqueles que, sob a bandeira do partido guelfo, haviam prejudicado tantos cidadãos e usado de tanta violência. Como, entre outros que apoiavam esse tipo de governo, estavam *messer* Giorgio Scali, *messer* Benedetto Alberti, *messer* Salvestro de' Medici e *messer* Tommaso Strozzi, estes se tornaram quase que príncipes da cidade. Tais coisas, assim feitas e conduzidas, acabaram por confirmar a divisão entre os populares nobres e os artifices menores, já iniciada pela ambição dos Ricci e dos Albizzi: e como, em vários momentos, dela provieram efeitos gravíssimos, aos quais faremos muitas menções, chamaremos um desses partidos de popular e o outro de plebeu. Esse estado durou três anos, que foram cheios de exílios

e mortes, porque, havendo muitos descontentes dentro e fora da cidade, os que governavam viviam em meio a grandes suspeitas: os descontentes de dentro todos os dias tentavam – ou achava-se que tentavam – coisas novas; os de fora, não sendo freados pelo temor, semeavam distúrbios ora por meio deste príncipe, ora daquela república, ora neste, ora naquele lugar.

19.

Naqueles tempos, **Gianno**zo da Salerno, capitão de Carlos de Durazzo, descendente dos reis de Nápoles, estava em Bolonha; como Carlos desejava fazer a campanha do Reino [de Nápoles] contra a rainha Joana, mantinha seu capitão naquela cidade, com os favores do papa Urbano, inimigo da rainha. Também em Bolonha se encontravam muitos exilados florentinos, que mantinham estreitas relações com ele e com Carlos, pelo que em Florença os governantes viviam muito suspeitosos, dando facilmente fé às calúnias lançadas contra os cidadãos de que suspeitavam. Assim, em meio a tais suspeições, foi revelado aos magistrados que **Gianno**zo da Salerno viria a Florença com os exilados, e muitos de dentro empunhariam armas e lhe entregariam a cidade. E nesse relato muitos foram acusados; encabeçavam a lista Piero degli Albizzi e Carlo Strozzi, e depois vinham Cipriano Mangioni, *messer* Iacopo Sacchetti, *messer* Donato Barbadori, Filippo Strozzi e Giovanni Anselmi; todos foram presos, exceto Carlo Strozzi, que fugiu; e os Senhores, para que ninguém ousasse empunhar armas em favor deles, designaram *messer* Tommaso Strozzi e *messer* Benedetto Alberti para guardarem

a cidade com grande número de homens armados. Os cidadãos presos foram interrogados, e como não se encontrasse nada que comprovasse a acusação, não vendo culpa neles o capitão não queria condená-los; seus inimigos, porém, sublevaram o povo e o incitaram com tanta raiva contra eles que, à força, foram condenados à morte. A Piero degli Albizzi de nada adiantou a grandeza da família nem sua antiga reputação, pois fora honrado e temido mais que qualquer outro cidadão durante muito tempo: assim, alguém, que talvez lhe fosse amigo verdadeiro, para mostrá-lo mais humano em toda a sua grandeza, ou talvez lhe fosse inimigo verdadeiro, para ameaçá-lo com a volubilidade da fortuna, ao oferecer um banquete a muitos cidadãos, mandou-lhe uma tigela de prata cheia de doces, entre os quais estava escondido um prego; tal prego, descoberto e visto por todos os convidados, foi interpretado como a lembrança de que deveria usá-lo para prender a roda da Fortuna, pois, visto que essa o conduziria ao ponto mais alto da roda, seguindo no seu círculo, ela só poderia levá-lo ao ponto mais baixo: interpretação que foi confirmada primeiro por sua ruína, depois por sua morte. Após essa execução, a cidade foi tomada por grande confusão, pois vencidos e vencedores temiam; mas os piores efeitos decorriam do temor dos governantes, porque qualquer mínimo acontecimento os levava a cometer novas injúrias contra o Partido²⁰, condenando, advertindo, ou exilando os seus cidadãos; a isso se somavam novas leis e novas ordenações, muitas vezes estabelecidas para fortalecer o estado. E tudo era feito com injúria daqueles que fossem suspeitos para a sua facção; e, para tanto, de-

.....

20. O partido guelfo. [N. da R. T.]

signaram quarenta e seis homens, que, em conjunto com os Senhores, deveriam purgar a república dos suspeitos ao estado. Eles advertiram trinta e nove cidadãos, tornaram Grandes muitos populares, e populares muitos Grandes; e, para poderem opor-se às forças externas, assoldaram Giovanni Aguto, de nacionalidade inglesa e reputadíssimo nas armas, que combatera para o papa e para outros na Itália durante muito tempo. As suspeitas externas nasciam dos rumores de que estavam sendo ordenadas várias companhias de homens armados por Carlos de Durazzo para a campanha do Reino de Nápoles, dizendo-se que com ele estavam muitos exilados florentinos. Para enfrentar tais perigos, além das forças ordenadas, providenciou-se uma soma em dinheiro; porque, quando Carlos chegou a Arezzo, os florentinos lhe deram quarenta mil ducados, e ele prometeu não os molestar; depois disso, seguiu em sua empresa e teve sucesso na ocupação do reino de Nápoles, mandando a rainha Joana presa para a Hungria. Essa vitória despertou novas suspeitas nos que tinham o estado em Florença, pois não podiam acreditar que sobre o ânimo do rei o dinheiro deles tivesse mais força que a antiga amizade existente entre aquela casa e os guelfos, que com tantas injúrias eles oprimiam.

20.

Com o crescimento das suspeitas, cresciam as injúrias, que não extinguíam as suspeitas, mas as aumentavam; de modo que a maioria dos homens vivia muito descontente. Descontentamento ao qual se somava a insolência de *messer* Giorgio Scali e *messer* Tommaso Strozzi, que com

sua autoridade se sobrepunham à dos magistrados, e todos temiam ser oprimidos por eles, com o favorecimento da plebe. E aquele governo não parecia tirânico e violento apenas aos bons, mas também aos turbulentos. No entanto, como a insolência de *messer* Giorgio algum dia haveria de acabar, ocorreu que um seu familiar acusou Giovanni di Cambio de tramar contra o estado; mas o capitão considerou-o inocente, de tal modo que o juiz quis punir o acusador com a mesma pena que teria cabido ao réu, caso este fosse considerado culpado; e Giorgio, não conseguindo salvá-lo com pedidos nem com sua autoridade, juntou-se a *messer* Tommaso Strozzi e, com uma multidão de homens armados, libertou-o à força e saqueou o palácio do capitão, que, para salvar-se, foi obrigado a esconder-se. Tal ato encheu a cidade de tamanho ódio contra ele que seus inimigos pensaram num modo de eliminá-lo e tirar a cidade não só de suas mãos, mas também das da plebe, que a subjugara durante três anos, graças à sua arrogância. Do que deu grande ocasião o capitão, que, terminado o tumulto, foi falar com os Senhores, dizendo que tinha aceitado de bom grado o cargo para o qual a Senhoria o elegera, porque achava que serviria homens justos, que se armariam para defendê-lo, e não para impedir a justiça, mas, vendo e comprovando o governo da cidade e seu modo de viver, para escapar a perigos e danos, devolveria de bom grado o cargo que assumira com o fito de obter utilidade e honra. O capitão foi consolado e animado pelos Senhores, que lhe prometeram reparo dos danos passados e segurança para o futuro; e, reunindo-se parte da Senhoria com alguns cidadãos considerados amantes do bem comum e menos suspeitos ao estado, concluiu-se que chegara a grande ocasião de tirar a cidade das mãos de *messer* Giorgio e da plebe, visto

que, com aquela última insolência, todos [*l'universale*] se haviam dele apartado. Por isso, achavam bom aproveitá-la antes que a indignação se abrandasse, pois sabiam que os favores do povo [*universale*] ganham-se e perdem-se por qualquer pequeno acontecimento; e consideraram que, para bem conduzirem a coisa, era necessário ganhar o apoio de *messer Benedetto Alberti*, sem cuja concordância a empresa seria arriscada. *Messer Benedetto Alberti* era homem riquíssimo, humano, severo, amante da liberdade de sua pátria, que muito se desagradava de medidas tirânicas: por isso, foi fácil aquietá-lo e fazê-lo condescender com a ruína de Giorgio. Porque a razão de *messer Benedetto* ter-se tornado inimigo dos populares nobres e da facção dos guelfos e amigo da plebe fora a insolência daquele e a tirania destes, mas, vendo depois que os chefes da plebe se tornaram parecidos com aqueles, havia muito tempo se afastara deles, e as injúrias feitas a muitos cidadãos não tinham de modo algum recebido o seu consentimento: assim, as mesmas razões que o haviam levado a aliar-se à plebe agora o faziam deixá-la. Portanto, obtido o apoio de *messer Benedetto Alberti* e dos chefes das Artes, e providenciadas as armas necessárias, *messer Giorgio* foi preso, e *messer Tommaso* fugiu. E no outro dia *messer Giorgio* foi decapitado, o que provocou tanto terror em seu partido que ninguém se moveu, aliás, todos concorreram para a sua ruína. Assim, vendo-se condenado à morte diante daquele povo que havia pouco tempo o adorara, queixou-se de sua má sorte e da maldade dos cidadãos, que, injuriando-o injustamente, o haviam obrigado a favorecer e honrar uma multidão que não tinha lealdade nem gratidão alguma. E, reconhecendo *messer Benedetto Alberti* entre os homens armados, disse: "E tu, *messer Benedetto*, consentes que me façam essa

injúria que eu nunca permitiria que te fizessem? Mas eu te anuncio que este dia é o fim do meu mal e o começo do teu." Depois disse estar arrependido de ter confiado demais num povo cuja opinião muda e se corrompe diante de qualquer ato, de qualquer suspeita. E com essas queixas morreu, no meio de seus inimigos armados, que se alegraram com sua morte. A seguir, alguns de seus amigos mais chegados foram mortos e, depois, arrastados pelo povo.

21.

A morte desse cidadão conturbou toda a cidade, porque em sua execução muitos haviam empunhado armas para favorecer a Senhoria e o capitão do povo; muitos outros ainda as haviam empunhado por ambição ou por temor. E, como na cidade havia muitos humores diferentes, cada um com seus diversos fins, antes de deporem as armas todos pensaram em alcançar o que desejavam. Os antigos nobres, chamados Grandes, não podiam suportar o fato de terem sido privados dos cargos públicos, e por isso diligenciavam recuperá-los com todo o empenho, e para isso queriam que se desse autoridade aos capitães de partido; os nobres populares e as Artes Maiores se desagradavam de dividir o estado com as Artes Menores e com o povo miúdo; por outro lado, as Artes Menores queriam aumentar, e não diminuir, sua participação nos cargos [*dignità*]; e o povo miúdo temia perder as corrações de suas Artes. Tais diferenças causaram vários tumultos em Florença ao longo de um ano; e quem empunhava armas eram ora os Grandes, ora as Artes Maiores, ora as Artes Menores e o povo miúdo com elas; e, quase

sempre, de uma só vez estavam todos armados em diferentes lugares da cidade. Daí se seguiram vários combates do povo entre si e com os homens armados do Palácio, porque a Senhoria, ora cedendo, ora combatendo, ia remediando como podia tantos inconvenientes. Até que, no fim, depois de duas assembleias e várias baillias criadas para reformar a cidade, depois de muitos prejuízos, motins e grandes perigos, estabeleceu-se um governo, que: trouxe de volta à pátria todos os que tinham sido banidos depois que *messer Salvestro de' Medici* se tornou gonfaloneiro; derogou prerrogativas e proventos conferidos pela baillia de 1378; restituiu cargos ao partido guelfo; privou as duas Artes Novas de suas corporações e diroções, e todos os subordinados a elas foram novamente colocados sob as suas antigas Artes; privou as Artes Menores do gonfaloneiro de justiça e diminuiu sua participação nos cargos de metade para um terço, subtraindo-lhes os mais honrosos. Assim, o povo nobre e os guelfos reasumiram o estado, e a plebe perdeu-o, do qual fora príncipe de 1378 a 1381, quando ocorreram essas reformas [novità].

22.

Tal estado não foi menos injurioso para com os seus cidadãos nem menos severo em seus primórdios do que tinha sido o da plebe; porque muitos populares nobres que eram notórios defensores da plebe foram confinados com grande número de chefes plebeus, entre os quais Michele di Lando; não o salvou da raiva partidária nem sequer a consideração aos tantos bens que causara com

sua autoridade, quando a multidão desenfreada arruinava toda a cidade. Foi-lhe, portanto, pouco grata a pátria pelas suas boas obras: erro em que muitas vezes incidem os príncipes e as repúblicas, e por esse motivo os homens, amedrontados com semelhantes exemplos, antes de sentirem a ingratidão de seus príncipes, tratam de atacá-los²¹. Esses exílios e essas mortes, que sempre desagrudaram a *messer Benedetto Alberti*, eram por ele censurados pública e privadamente, e por isso os príncipes do estado o temiam, pois o consideravam como um dos principais amigos da plebe e acreditavam que ele não havia consentido na morte de *messer Giorgio Scali* porque lhe desagradassem os modos deste, mas para ficar sozinho no governo. Ademais, suas palavras e seus modos aumentavam as suspeitas, pelo que todo partido que era príncipe tinha os olhos voltados para ele, para agarrar a ocasião de poder oprimi-lo. Enquanto assim se vivia, os eventos externos não foram muito graves, e, se alguma coisa aconteceu, serviu mais de susto que de dano. Porque naquela época Luís de Anjou veio à Itália para devolver o reino de Nápoles à rainha Joana e dele expulsar Carlos de Duizzo. Sua passagem assustou muito os florentinos, porque Carlos, segundo o costume dos velhos amigos, pedia-lhes ajuda, enquanto Luís, como todos os que procuram novas amizades, pedia-lhes que não se metessem. Assim, os florentinos, para mostrarem que atendiam a Luís e ajudavam Carlos, despediram *messer Giovanni Augusto* e o mandaram ao papa Urbano, que era amigo de Carlos; mas essa fraude foi facilmente descoberta por Luís, que se sentiu ultrajado pelos florentinos. E, enquanto a guerra

21. Cf. *Discursos...*, *op. cit.*, I, 29. [N. da R. T.]

entre Luís e Carlos era travada na Apúlia, da França vieram mais homens em socorro de Luís; estes, assim que chegaram à Toscana, foram levados a Arezzo pelos exilados aretinos, que de seu poder tiraram os partidários de Carlos. E, quando pretendiam mudar o estado de Florença como haviam mudado o de Arezzo, Luís morreu, e as coisas, na Apúlia e na Toscana, variaram de ordenação segundo a fortuna, porque Carlos tomou conta do reino que quase perdera, e os florentinos, que duvidavam de sua capacidade de defender Florença, acabaram por conquistar Arezzo, pois a compraram dos partidários de Luís, que a governavam. Carlos, portanto, seguro da Apúlia, foi para o reino da Hungria, que lhe cabia por herança, deixando a mulher na Apúlia, com Ladislau e Joana, seus filhos ainda pequenos, como em seu lugar mostramos. Carlos conquistou a Hungria, mas pouco depois lá foi morto.

23.

Com tal compra, houve em Florença alegres solenidades, como as que nas cidades se fazem por alguma vitória, com mostras de magnificência pública e privada, quando muitas famílias competiram com o poder público nos festejos. Mas a família que sobrepujou as outras em pompa e magnificência foi a dos Alberti, pois as paradas e os torneios que promoveu foram dignos de um príncipe, e não de pessoas privadas. Tais coisas atraíram para si maior inveja, que, somada às suspeitas que o estado tinha de *messer Benedetto*, foi a razão da ruína deste; porque aqueles que governavam não conseguiram tolerá-lo, por lhes parecer que a todo momento, com a ajuda de

seus partidários, ele podia recobrar a reputação e expulsá-los da cidade. E, vivendo eles em tais dúvidas, ocorreu que, ao mesmo tempo que ele era gonfaloneiro das Companhias, foi sorteado para ser gonfaloneiro de justiça seu genro Filippo Magalotti, fato que redobrou o temor dos príncipes do estado, por lhes parecer que a *messer Benedetto* se somavam forças demais, e ao estado, demasiado perigo. E, desejando remediar a situação sem tumultos, incitaram Bese Magalotti, seu parente e inimigo, a dizer aos Senhores que Filippo, não tendo a idade necessária para desempenhar aquele cargo, não podia nem devia obtê-lo. A causa foi examinada pelos Senhores, que o consideraram incapaz para aquele cargo: uns o fizeram por ódio, outros, para evitar discórdias. Em seu lugar, foi sorteado Bardo Mancini, homem totalmente contrário à facção plebéia e grande inimigo de *messer Benedetto*; tanto que, assim que assumiu o mandato, criou uma bailia que, ao restabelecer e reformar o estado, confinou Benedetto Alberti e advertiu o restante da família, exceto *messer Antonio*. *Messer Benedetto*, antes de partir, chamou todos os parentes e, vendo-os tristes e chorosos, disse-lhes: “Estais vendo, meus pais e meus avós, como a fortuna me arruinou e vos ameaçou? Tal coisa não me espanta, nem a vós deverá espantar, porque é sempre isso o que ocorre àqueles que, entre muitos maus, querem ser bons e poupar aquilo que a maioria quer arruinar. O amor à minha pátria fez-me aproximar-me de *messer Salvestro de Medici* e, depois, afastar-me de *messer Giorgio Scali*; esse mesmo amor fazia-me odiar os costumes desses que agora governam, que, por não terem quem os castigue, não querem que ninguém os repreenda. Fico contente de, com meu exílio, livrá-los do temor que tinham, não só

de mim, mas de qualquer um que conheça seus costumes tirânicos e criminosos; por isso, atingindo-me, ameaçam os outros. Por mim não lamento, porque as honras que a pátria livre me deu não me poderão ser tiradas pela pátria serva; e o prazer que me dá a lembrança de minha vida passada sempre será maior que o desprazer trazido pela infelicidade de meu exílio. Dói-me saber que minha pátria fica nas mãos de poucos, submetida à sua soberba e à sua ganância; dão-me por vós, porque desconfio que os males que hoje terminam em mim e comem em vós com maiores danos do que me perseguiram vos perseguirão. Exorto-vos, portanto, a ter coragem para enfrentar todos os infortúnios e a conduzir-vos de tal modo que, se alguma adversidade ocorrer — e muitas virão —, todos saibam que sois inocentes, que elas não ocorreram por vossa culpa.” Depois, para não dar, lá fora, menos mostras de bondade do que havia dado em Florença, foi ao Sepulcro de Cristo e, de lá voltando, morreu em Rhodes. Seus ossos foram trazidos para Florença e sepultados com grandes honras por aqueles mesmos que, em vida, o haviam perseguido com calúnias e injúrias.

24.

Nessas conturbações da cidade, os Alberti não foram a única família atingida, mas, com ela, muitos cidadãos foram advertidos e outros confinados; entre os confinados, estavam Piero Benini, Matteo Alderotti, Giovanni e Francesco del Bene, Giovanni Benci, Andrea Adimari, além de grande número de artífices menores; entre os advertidos estavam os Covoni, os Benini, os Rinucci, os Formiconi, os

Corbizzi, os Mannelli e os Alderotti. Era costume nomear a bailia por certo tempo; mas aqueles cidadãos, depois de terem cumprido a tarefa para a qual haviam sido designados, por honestidade, renunciaram, ainda que o tempo estipulado não tivesse transcorrido. Aqueles homens, achando que já haviam satisfeito o estado, queriam renunciar, segundo o costume. Sabendo disso, muitos correram armados ao Palácio, pedindo que, antes da renúncia, advertissem e confinassem muitos outros. Os Senhores se desagradaram muito disso e, com boas promessas, os entretiveram até que chegassem reforços, para então, com o medo, fazerem-nos depor as armas que por raiva haviam empunhado. Contudo, para satisfazerem em parte tão raivoso humor e para tirarem mais autoridade aos artífices plebeus, baixaram a participação destes nos cargos de um terço para um quarto; e, para que entre os Senhores sempre houvesse dois da maior confiança do estado, deram autoridade ao gonfaloneiro de justiça e a mais quatro cidadãos para criarem uma bolsa de cidadãos seletos, entre os quais fossem sorteados dois a cada nova Senhoria.

25.

Assim estabelecido, depois de seis anos, o estado que foi ordenado em 1381, a cidade ficou calma até 1393. Nessa época, Giovan Galeazzo Visconti, chamado Conte di Virtù, mandou prender *messer* Bernabò, seu tio, e, assim, se tornou príncipe de toda a Lombardia. E acreditou que poderia tornar-se rei da Itália com o uso da força, assim como se tornara duque de Milão com a fraude; e, em 1390, declarou aos florentinos uma grande guerra, cujos feitos